

O PROCESSO DE ORALIZAÇÃO DE UM TEXTO ESCRITO

Neilton Farias Lins (IFAL/UAB)
nflingua@ig.com.br

O respectivo texto¹ se insere a linha de pesquisa da Linguística de Texto e construtos teóricos da Análise da Conversação. Surge na perspectiva de demonstrar como se dar o processo de oralização de um texto previamente escrito. A passagem da escrita para a fala é a passagem de uma ordem para outra ordem. Antes de ocorrer a atividade de transformação textual, acontece a compreensão, que é uma atividade cognitiva necessária para a transformação de um texto em outro tipo de texto ou de uma modalidade para outra.

O processo de reformulação de um texto, segundo Fávero et alli (2000, p. 26) é dividido em categorias explicadas quando o leitor não encontra problemas na formulação ou encontra problemas e deve resolvê-los, tudo assim explicado:

- a. *Strictu Sensu*: quando o leitor não encontra problema de processamento e linearização.
- b. *Latu Sensu*: quando o leitor encontra problema de formulação e deve resolvê-lo.

Os problemas que surgem desse último processo de reformulação constituem objetos de estudo para esta pesquisa, como a hesitação, repetição, correção e paráfrase. Além desses processos, esta pesquisa focaliza também outros elementos de estudos da Análise da Conversação, tais como: truncamento, pausas, marcadores conversacionais, dentre outros elementos.

Conforme Diedrich (2001, p. 30 e 31), o texto falado é resultado de dois processos simultâneos: o planejamento e a formulação². Essa autora diz ainda que o planejamento não é anterior à formulação, mas aparece de forma contínua ou simultânea. Conforme Urbano (1998, p.133), o planejamento é classificado como “previamente e localmente”. Esse autor conceitua planejamento como “a capacidade de previsão e projeção; a atividade que prepara e projeta outra, possibilitando a previsão dos riscos da execução e a tomada antecipada de decisões”.

Segundo Martins (1983, apud URBANO, 1998, p. 133), o planejamento acontece em dois momentos da interação: 1) o que ocorre antes da realização efetiva e 2) o que ocorre quase simultaneamente à atividade da execução linguística. Essa autora diz: “o primeiro tipo está voltado para a organização das ideias e de sua formalização linguística, enquanto o segundo se caracteriza como um mecanismo que cria soluções para um produto em processo de construção”.

Além da primeira classificação dada por Urbano (1998, p.134), há outra que esse teórico apresenta em relação ao planejamento, levando em consideração outros níveis:

Planejamento verbal (lexical, gramatical, prosódico), planejamento rítmico, planejamento de formas e modos de utilização do discurso (narração, descrição, dissertação, crônica, carta, entrevista etc.), planejamento estilístico (estilo coloquial ou oral; por exemplo, uma oralidade conscientemente planejada no texto escrito), planejamento pragmático (maior ou menor atenção ao contexto, adequação à audiência). (URBANO, 1998, p.134).

1 Esse texto é uma parte de minha dissertação de Mestrado em Linguística pelo PPGL/UFAL.

2. A palavra formulação poderá aparecer também com o sentido de reformulação.

Na definição apresentada de planejamento prévio, Urbano (1998, p.134) diz que tal planejamento tanto pode ser global como parcelado; para isso, deve ser levada em consideração a dimensão do que se planeja em relação ao todo do texto. Se o planejamento atinge todo o texto, tem-se um planejamento global, entretanto se o falante planeja e replaneja o texto (fala), tem-se um parcelamento.

Apesar dessa definição, apresentada por esses autores sobre planejamento, neste trabalho, considerar-se-á a ideia de que todo planejamento é flexível, assim, seria praticamente insano dizer que o planejamento que se faz em relação a determinado texto seja definitivo e irreversível, mas cada planejamento feito abre espaço para se replanejar, tendo em vista que a interação à qual o texto é submetido requer que o leitor/falante interaja com o ouvinte na negociação do sentido, forçando um planejamento contínuo entre os interactantes; isso porque a língua falada emerge e se transmite no próprio momento da interação.

Assim, não se pode afirmar de forma categórica que a escrita é planejada; diferentemente, a fala é espontânea. O planejamento sempre acontece. O que é diferente é a condição segundo este se realiza: ou durante o processo de produção do texto ou previamente em relação a ele.

Logo, é possível considerar que tanto a fala quanto a escrita são planejadas. O que as difere é o grau e o tipo de planejamento que são feitos, o que é determinado pelo contexto de produção do discurso.

Como já foi dito anteriormente, ao produzir um texto, o falante não apenas planeja a estrutura e funcionamento desse discurso, mas também o realiza, formula e reformula esse discurso. No trabalho desenvolvido a fim de formular e reformular o enunciado, o locutor deixa marcas que hão de funcionar como pistas para que seu interlocutor possa compreender o que está sendo dito e as intenções discursivas. Isso leva a inferir que o enunciado não se dá apenas na perspectiva de um sujeito discursivo, mas ocorre levando em consideração a interação entre esse sujeito discursivo e seu interlocutor.

O processo de formulação textual, já mencionado anteriormente, possui alguns elementos que serão enfatizados nesta pesquisa, tais como hesitação, repetição, correção, paráfrase e modalização. Para análise desses elementos, focaliza-se o corpus desta pesquisa, feita em sala de aula, na oportunidade de apresentações teatrais de alunos de ensino fundamental e médio.

2. COMPREENDENDO O FENÔMENO ANALITICAMENTE.

Compreendem um estudo minucioso de momentos interativos, em que serão analisadas as categorias usadas pelos interactantes no processo de oralização do texto escrito.

2.1 Correção: elemento de reparação da fala

Quando se escreve, tem-se condição de rever cada enunciado da forma como foi escrita, procedendo-se à correção necessária, a fim de que o interlocutor disponha do entendimento necessário. Nesse aspecto, deduz-se que o leitor recebe o texto não como problema a ser resolvido, mas com uma versão em que os equívocos e ideias desconexas são eliminados, entretanto, em se tratando da fala é diferente, pois o momento da correção é *online*, ou seja, dá-se no momento da interação. Sacks, Schegloff, Jefferson (2003, p.48)

dizem que a correção é feita dentro do turno no qual ocorre o reparável. A primeira análise evidencia as sutilezas da oralização do texto escrito.

EXEMPLO 01

(1)Transcrição 01³

Oralizado

L2 – aqui no **amazonas/na amazônia** tudo tão lindo!
L1 – ah:: serena você tá falando isso agora, porque até pouco tempo você era pior que eu, maligna, perversa, ai depois que bateu a cabeça ficou assim. de boba **sereia/serena** virou luz serena. e se como não me bastasse. você:: vem com esse tal de:: Chico Mendes

Escrito⁴

Serena – Aqui na Amazônia tudo tão lindo!
Luzia – Ah! Serena você está falando isso agora, porque até pouco tempo, você era pior que eu, maligna, perversa, ai depois que bateu a cabeça ficou assim. De boba serena virou luz serena. E como se não bastasse você vem com esse tal de Chico Mendes.

No início da peça, as personagens falam espontaneamente sobre a vida na região amazônica, confundem região com estado e tentam consertar. L1 fala do comportamento de sua interlocutora, que antes não pensava do mesmo jeito que agora, e que depois que bateu a cabeça passou a se fazer boazinha; L1 usa a expressão “boba sereia”, mas percebe que a forma comum de nomear o vocativo é boba serena e não sereia.

No exemplo citado, L2 faz uma correção no enunciado *no amazonas* por *na amazônia*. Embora não houvesse necessidade de tal correção, uma vez que o contexto ambiental da dramatização seja o do estado do Amazonas, o locutor quis enfatizar não apenas o estado, mas especificamente a floresta; daí esse enunciatário corrigir seu enunciado. Essa correção se dá também no que diz respeito ao texto oralizado, posto que a escrita encontra-se na peça, não amazônia e sim amazonas. Já no turno de L1, há a correção da palavra *sereia* por *serena*.

Nesse aspecto, é possível inferir que o enunciado reformulador – ER (na amazônia) refaz o enunciado fonte – EF (no amazonas) na tentativa de tornar possível a intercompreensão discursiva, o que, segundo Fávero et aliae. (2000, p. 63), é principal função da correção.

Considere:

EXEMPLO 02

(3)Transcrição 02

Oralizado

L10 – não quero você remexendo no meu lixo, tá entendendo, não quero você comendo da mesma **comida** que eu como, do meu **lixo**.

Escrito

Dona da Festa - Eu não quero você remexendo meu lixo, sai daqui sua mendiga fedorenta.

Embora a intenção de L10 ter sido a de corrigir a palavra *comida* por *lixo*, tal correção causou um problema de compreensão mais grave ainda. Ele diz “não quero você remexendo no meu lixo”; em seguida, L10 fala que não quer L12 comendo do que ele come, ai é onde está o problema, pois ele associa a primeira ideia de mexer no lixo com a ideia de comer o que ele come, e termina chamando a comida de lixo, porque diz “não quero você comendo da mesma comida que eu como, do meu lixo”.

³ Os dados analisados nesse artigo são constituídos de transcrição feita de peça teatral apresentada em 2009, pelos alunos do Fundamenta e Ensino Médio de uma escola da rede pública estadual de Alagoas, por ocasião de feira de conhecimento promovida pela escola.

⁴ As amostras do texto escrito neste trabalho não serão explicadas, tendo em vista que a preocupação maior é texto oral, o escrito servirá ao leitor como guia, a fim de que se tenha a ideia de onde realmente se deu o processo de oralização.

L10 desiste do primeiro enunciado (a), *comida* e o troca pelo novo *lixo* (b). É possível perceber a importância dessa troca efetuada; essa troca fez com que o pensamento do falante ficasse mais claro. Na sequência em sua ação argumentativa, o falante reformula (a), não descontextualizando, mas fazendo uma paráfrase entre (a) e (b). Logo, tem-se, portanto, nas ocorrências (a) e (b), a demonstração de um abandono de vocábulo sem retomada, pois a intenção do falante não era, nesse momento, falar especificamente que L12 não comeria de sua *comida*, mas que não deveria mexer em seu *lixo*.

EXEMPLO 03

Transcrição (3)

Oralizado	Escrito
L1 – Tomé::[...] Você/ você vai adquirir o comer pra gente. Viu ? Pode ir.	Pai – Tomé! Vai caçar alguma coisa para gente comer. Pode ir.
L1 – João Manoel vai/::[...] vai buscar um feixe de lenha pra fazer fogo...	Pai – João Manoel vá buscar um feixe de lenha para fazer o fogo.
L1 – Você Joaquim, pode ir pro corte de cana.	Pai – Joaquim vá para o corte de cana.
L1 – Cê faça o fogo, cuide de/ da comida pro minino, que vou pra roça mai Maria.	Antonina – Você faça o fogo, cuide da comida do menino, que vou para roça com Maria.

Nos primeiros segmentos, L1 hesita naquilo que vai falar, pausando seu turno, como se tentasse lembrar aquilo que deveria dizer. No segundo caso, é diferente, pois L1 não hesita, mas, pelo contrário, tenta reformular seu discurso. O falante, neste trecho, não conseguia encontrar a reformulação que julgava adequada, por isso, houve tentativas e truncamentos; abandonou o termo pronunciado. Consegue, assim, com êxito, explicar o que realmente pretendia. Esse uso das correções possibilita entender a importância da correção para compreensão do discurso.

2.2 Paráfrases e retomadas parafrásicas: elemento de reconstrução da fala

Para Marcuschi (2001, p. 48), “toda vez que repetimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas citações *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando uma fala em outra”.

O conceito que é adotado nesta pesquisa para paráfrase difere do tradicional, em que se diz que ele só existe quando um enunciado dado contiver a mesma significação do termo que foi parafraseado. A Linguística Textual de modo geral, compreende a paráfrase como um elemento de coesão recorrencial. O exemplo a seguir explica melhor:

EXEMPLO 04

Transcrição 02

Oralizado	Escrito
a) L5 – e aê priminha! tá quase no ponto em! vem, vem sentar nas pernas do papai, no meu colinho .	MOISES: E ai priminha ta quase no ponto, vem, vem sentar no colinho do papai...
b) L3 – maria eduarda, vanha aqui agora ((bate nas costas L4, e dar-lhe empurrões e novamente tapas nas costas)) já te falei que não quero você na casa/rua, se pega o boato você vai ficar igualzinho a seu irmão/prostituta/ que todo mundo fica falando .	MAE [PROSTITUTA]: Maria Eduarda venha aqui... Eu já não te falei que não te quero na rua? Você vai ficar igual a sua tia uma prostitutazinha!

No exemplo **a**, L5 usa o termo no colinho para explicar a L4 que queria que ela se sentasse em suas pernas. Para isso, L5 usa uma paráfrase explicativa. Já no exemplo **b**, o falante tenta explicar a expressão em negrito, uma vez que L4 já sabia da fama do irmão, mas essa retomada é na intenção de adicionar algo novo ou reforçar a ideia de que não a queria na rua porque era comum por parte da vizinhança falar de alguém que vive na rua envolvida com drogas, prostituição e/ou más companhias.

É necessário observar que há uma pequena diferença entre a correção e a paráfrase; “na produção de um enunciado linguístico (enunciado reformulador – ER) que reformula um anterior (enunciado fonte – EF), considerado ‘errado’ aos olhos de um dos interlocutores”, ou seja, um enunciado é reformulado (refeito) por outro; na paráfrase, a tentativa em não refazer, mas explicar, principalmente, explicar o que já está feito.

EXEMPLO 05

Sejam considerados os exemplos para os dois processos:

	Oralizado	Escrito
paráfrase	b) L3 – maria eduarda, vanha aqui agora ((bate nas costas L4, e dar-lhe empurrões e novamente tapas nas costas)) já te falei que não quero você na casa/rua, se pega o boato você vai ficar igualzinho a seu irmão/prostituta/ que todo mundo fica falando.	MAE [PROSTITUTA]: Maria Eduarda venha aqui... Eu já não te falei que não te quero na rua? Você vai ficar igual a sua tia uma prostitutazinha!
correção	L4 – finalmente recebi uma resposta do governo. L4 – governo.	Antonio – finalmente recebi uma resposta do governo. Isamar – governo.

Percebe-se que, no primeiro exemplo, o falante faz uma retomada na tentativa de fazer uma explicação de seu enunciado, sem, entretanto, querer corrigi-lo, mas apenas adicionar uma informação que achou conveniente a seu interlocutor, diferentemente do exemplo de correção em que o enunciado B surge com uma retomada na intenção de corrigir o dito do enunciado A.

A reformulação de um texto depende muito dos empregos de marcadores conversacionais. Há, portanto, alguns elementos que são importantes na sua instauração, como, por exemplo, *isto é, quer dizer*, dentre outro.

Ao contrário da correção, a paráfrase não anula o que foi dito anteriormente, mas busca retomar o enunciado anterior com outras palavras. Portanto, possui dimensão retrospectiva, pois o falante só percebe a má formulação do seu enunciado depois de tê-lo elaborado.

3.3 Repetição: elemento de contribuição para a organização do discurso

Em conformidade com o que diz (FÁVERO et aliae, 2000, p. 23), a palavra repetição surgiu de outra que advém do latim *reiterare* ou reiteração. Para essa autora, a “repetição se dá em expressões no texto de elementos repetidos que têm a mesma referência”. Nessa mesma obra, a referida autora corrobora que a repetição acontece por:

- Mesmo item lexical;
- Sinônimos;
- Hiperônimos e hipônimos;
- Expressões nominais definidas;
- Nomes genéricos.

EXEMPLO 6

(14) Transcrição 02

Oralizado

L1 – vamos brincar?
L1 – eu vou **brincar** de te acusar, ((L1 aponta para L2, mostrando que é ele que será acusado)) **mostrarei o seu pecado de estimação**:::(L1 pisa no chão com violência como forma de insulto)) aqui em cima ou quer dizer que vocês também não tem pecado.
L1 – e vocês ((aponta para plateia)) querem **brincar** ou não?
L1 – vamos crianças **brinque:::m!**

Escrito

CAPETA: Então usa a tua serva... Estão assustadinhos? O inferno para onde muitos vão é muito pior. Vamos Brincar um pouquinho? A brincadeira vai ser maravilhosa, eu vou brincar de te acusar, mostrarei o seu pecado de estimação aqui em cima, vamos brincar? Vamos crianças brinquem!

Na terceira frase do fragmento em destaque, L1 faz outra paráfrase do termo matriz quando diz “mostrarei o seu pecado de estimação”, que também pode ser entendida como uma repetição parafrásica do termo “te acusar”, em seguida, nas linhas sétima e oitava, L1 retoma novamente o termo “brincar”, sendo que, na sétima linha, ele se dirige à plateia presente, convidando-a para brincar também, ou envolvendo-a na peça teatral; já, na oitava linha, ele se volta novamente para seus interlocutores (participantes da peça teatral), incentivando-os a brincarem.

Considere-se o exemplo a seguir, em que os interlocutores se alternam em seu turno, repetindo segmentos idênticos ou semelhantes semanticamente.

EXEMPLO 7

(15) Transcrição (3)

Oralizado

L5 – eu **matei** painho!!
L1 – **matasse** o que tomé?
L5 – uma galinha preta.
L1 – **matou** tomé?!

Escrito

Tomé – Eu matei um bicho pai!
Pai – Você matou o que Tomé?
Tomé – Uma galinha preta.
Pai – Você matou mesmo Tomé?

L1 e L5 repetem o termo “matar”, retomado o tempo todo. Essa reiteração acontece na tentativa de construir o sentido de que foi obtida uma caça, mas isso foi matando o animal, na verdade o fragmento não diz como fora feita essa aquisição, mas os interlocutores se esforçam em mostrar que o animal na verdade não foi encontrado morto, que L5 o matou, razão que leva L5 primeiramente dizer “eu matei painho!!”. Em seguida, L1 pergunta a L5 o que ele matara, o que seu interlocutor responde dizendo uma galinha preta, embora no segundo turno de L5 não haja repetição presente, por ter L5 usado a figura de estilo elipse, entretanto, o contexto indica essa repetição, que poderia ser entendida como “matei uma galinha preta”; por último, L1 retoma verbo matar em seu turno, fazendo um pergunta retórica matou tomé? Todas as reiterações presentes nesse fragmento deram-se na intenção de ser destacada a ideia do verbo repetido.

2.4 Hesitação: interrupção do pensamento falante

A hesitação é o processo pelo qual o falante reformula o discurso por se tratar de indecisão, dúvida, perplexidade, incerteza e/ou dificuldade na enunciação de um determinado enunciado. Isso leva esse enunciatário a um replanejamento sintático ou busca de um novo item lexical. Por essa razão, a hesitação é tida como procedimento

adotado pelo falante na tentativa de resolver alguns problemas de planejamento que surgem ao longo do processamento *on-line*, de forma e de conteúdos.

As hesitações são consideradas de dois tipos: A primeira, a hesitação comum está presente na fala de todos os falantes. São as pausas silenciosas hesitativas, as pausas preenchidas (éh, ãh, mm), os prolongamentos finais, as repetições de palavras e os falsos inícios. Em falantes normalmente fluentes, as hesitações comuns chegam a, no máximo, 10% do texto.

A segunda e não menos importante, a hesitação gaguejada está presente mais tipicamente na fala de pessoas com gagueira, embora ocasionalmente possa ser observada em falantes que não gaguejam. São as repetições de sons e de sílabas, os prolongamentos iniciais e os bloqueios. Em falantes normalmente fluentes, as hesitações gaguejadas chegam a, no máximo, 2% do texto.

Considere-se o exemplo:

EXEMPLO 8

(17) Transcrição (3)

Oralizado

L1 – tomé::[...] você/ você vai [...] *ahn* adquirir o
comer pra gente. viu ? Pode ir.
L1 – João Manoel vai/::[...]vai buscar um feixe de
lenha pra fazer fogo..
L1 – você joaquim, pode ir pro corte de cana.
L1 – cê faça o fogo, cuide de/ da comida pro minino,
que vou pra roça mm..mai.

Escrito

Pai – Tomé! Vai caçar alguma coisa para
gente comer. Pode ir.
Pai – João Manoel **vá** buscar um feixe de
lenha para fazer o fogo.
Pai – Joaquim vá para o corte de cana.
Antonina – Você faça o fogo, cuide da comida
do menino, que vou para roça com Maria.

Embora esse fragmento tenha sido usado na análise de correção, será tomado como análise de hesitação o fragmento em destaque, mas apenas os marcadores discursivos que se encontram em negrito. Como já fora dito anteriormente, no primeiro turno, L1 hesita naquilo que vai falar, pausando seu turno, como se tentasse lembrar daquilo que deveria dizer. No primeiro caso, tem-se um truncamento, que surge exatamente porque L1 tenta formular o pensamento de forma que seus interlocutores possam entender o que queria, como não encontra uma palavra que melhor substitua a palavra *você*, L1 usa a mesma palavra, porque julga que seria a mais bem adequada para aquele contexto.

No segundo segmento, L1 não apenas trunca seu discurso, mas faz uma longa pausa, o que caracteriza uma hesitação bem maior que no primeiro segmento. Marcuschi (1990, p. 50) enfatiza que as pausas são características inerentes à hesitação, uma vez que o falante interrompe silenciosamente um enunciado na tentativa de formular o que está dizendo, ou vai dizer, é exatamente o que acontece no fragmento. O fragmento “João Manoel vai/::[...]vai buscar um feixe de lenha pra fazer fogo”, L1 parece não saber o que dizer, o que o leva a pausar, tentando buscar palavras para que pensa em dizer.

Considere-se o fragmento:

EXEMPLO 9

18) Transcrição 04

Oralizado

L2 – busque bentinho no seminário (1.6)
não me aguento mais de tanta saudade e tenho muito medo.

L1 – mana glória você se ((não ficou claro o que foi dito))sem motivo(1.0)
a febre já passa e:::(2,5)

L2 – não, não. posso morrer e minha alma não se salvar se bentinho não estiver aqui comigo.

L1 – se formos buscá-lo agora ele pode assustasse.

L2 –pois não lhe digam nada (...) mas busquem-no já já não demorem.

Escrito

Já agora não tiro a doente da cama sem contar o que se deu comigo. Ao cabo de cinco dias, minha

mãe amanheceu tão transtornada que ordenou me mandassem buscar ao seminário. Em vão tio

Cosme:

--Mana Glória, você assusta-se sem motivo, a febre passa...

--Não! não! mandem buscá-lo! Posso morrer, e a minha alma não se salva, se Bentinho não estiver

ao pé de mim.

--Vamos assustá-lo.

--Pois não lhe digam nada, mas vão buscá-lo, já, já, não se demorem.

É observável que, no primeiro turno de L1, há uma hesitação no prolongamento da vogal, e o informante se atrapalha no que vai dizer, nota-se a dificuldade que tem de expressar sua opinião, o que o leva a ceder sua vez de falar, o que para isso espera que L2 tome o turno, embora essa espera seja mais bem prolongada do que esperava, uma vez que seu silêncio dura 2,5 de segundo, sem falar que houve uma pausa também muito grande nesse mesmo turno, equivalente a 1 segundo.

Considere-se o exemplo:

EXEMPLO 10

(21) Transcrição (2)

Oralizado

cê faça o fogo, cuide de/ da comida pro minino, que vou pra roça *mm..*mai.

Escrito

Você faça o fogo, cuide da comida do menino, que vou para roça com Maria.

Nesse exemplo, o informante L1 hesita em dois lugares, mas a brusca ruptura, consideram-se pausas não preenchidas, é no espaço temporal que acontece entre a expressão “mm.. mai”, isto porque, além da longa pausa de dois segundos, caracterizada pelo fato de o falante não saber o que dizer e buscar o que dizer e nada que possa preencher essa lacuna, gerando um certo silêncio entre os interlocutores. Há também o outro elemento já analisado nesse turno, que são as expressões hesitativas “mm”.

2.5 Modalização: o ponto de vista do falante

A análise do posicionamento do falante em relação ao que se diz ou à maneira como é feita essa enunciação, é possível estabelecer o grau de engajamento ou afastamento em relação ao que afirma. Assim, as formas de verificar o compromisso assumido pelo sujeito enunciador diante do que venha dizer, permitem situar o papel da subjetividade na construção do discurso. As marcas de subjetividade estão presentes em certos elementos linguísticos que traduzem um maior ou menor comprometimento do falante, em relação ao conteúdo do que fala.

Muitas vezes essa avaliação feita com o emprego desses modalizadores está coerente com os comentários feitos no enunciado, denunciando sempre a posição do

enunciador em relação ao que expressa. São muitas as formas que denunciam marcas da subjetividade no discurso, dentre os processos gerais de modalização. Como fora dito anteriormente, o estudo da modalização está ligado à análise dos modalizadores deônticos e epistêmicos:

As sentenças abaixo simuladas ilustram as duas categorias aqui abordadas:

Exemplo 11

Oralizado	Escrito
a1 - L5 – amanhã nós vamos até lá. não se preocupe. (Transcrição 04.)	- Amanhã nós iremos te lá
a2 - L4 – ... creio que nossos pais poderiam está ansiosos em vê-los... – (Transcrição 04.)	Creio que nossos pais então ansioso em vê você.
a3 - L10 – é:: essa drogada tem que morrer mesmo. (Transcrição 02)	FOFOQUEIROS: Vocês viram só? A filha da dona Ana foi expulsa de casa? É essas drogadas tem tudo que morrer. Morrer queimada. Esfaqueada. Enforcada!
a4 - L4 – ... temos que fazer uma aliança de to::dos os povos das floresta. (Transcrição 01.)	Temos que fazer uma aliança com todos os povos da floresta.

Em [a1] e [a2], o enunciador recorre a noções epistêmicas para registrar sua interpretação com relação à possibilidade de ocorrer o fato expresso no conteúdo proposicional. Já em [a3] e [a4], as expressões modalizadoras estabelecem, respectivamente, as noções deônticas de necessidade e obrigatoriedade, retratando um produtor que se apresenta como tendo conhecimentos que o autorizam a fazer tais declarações.

No fragmento a1 da transcrição 04, o falante L5 expressa ao seu interlocutor que irá a um determinado lugar, não apenas isso, o enunciador anuncia que determinada situação acontecerá. Para isso, L5 usa modalizadores epistêmicos, são capazes de provocar o sentido de possibilidade. L5 tem certeza que ele e seu interlocutor irão ao lugar que determinou que iriam, quando diz; “amanhã nós vamos até lá”, mas para convencer seu interlocutor, ele complementa, dizendo; não se preocupe. Com essa frase, L5 sustenta a ideia da certeza da ida, mas não só isso, ele tranquiliza seu interlocutor pedindo que não se preocupasse, que eles *iriam amanhã*.

No fragmento a2 da transcrição 04, o ponto de vista do falante é mais contundente, uma vez que o uso do verbo modalizador epistêmico CRER denota não apenas que L4 pensa sobre a ansiedade do pai, mas acredita profundamente que os pais desejavam ardentemente ver as pessoas a quem L4 se referia. Diferentemente de outros verbos, os modalizadores epistêmicos são capazes de demonstrar o engajamento do falante em relação ao que diz. No fragmento apresentado, L4 não diz apenas que os pais estão ansiosos em ver seus interlocutores, mas em *crer veementemente* nessa possibilidade.

Em a3, fragmento anteriormente apresentado, há uma característica diferente das já comentadas, uma vez que a modalização não é mais epistêmica, mas deôntica, a qual diz respeito à conduta do falante em relação ao dito, ao modo como é dito e ao falante, logo, a modalização aqui usada não pertence ao mundo do saber, nem do mundo do crer, mas se refere ao mundo da obrigatoriedade. Semelhante ao fragmento a2, o falante aqui também se engaja em expor um ponto de vista, mas não só isso, L10 determina a obrigatoriedade em que a pessoa referenciada tenha que se submeter, que é a de morrer, tal sentido é posto pelo uso da forma verbal perifrástica *ter + que + infinitivo*.

Igualmente a a3 no fragmento a4, enunciador L4 defende um ponto de vista, mostrando aos seus interlocutores a necessidade de se fazer uma aliança como todos os

povos da floresta, para isso L4 usa, como no exemplo anterior a forma verbal perifrástica *ter + que + infinitivo*. Observe-se que nesse caso diferente do fragmento anterior, L4 se inclui entre as pessoas que devem fazer aliança como os demais povos da floresta, o que não acontece em a3, isso porque no fragmento a3, L10 não se inclui entre as pessoas que devem tomar a atitude de matar a drogada, apenas diz que a drogada tem que morrer.

Considerações finais

Este trabalho percorreu os estudos conversacionais e textuais. Isso se justifica porque o gênero peça teatral é uma forma comunicativa utilizada nas relações sociais para entretenimento em vários lugares discursivos. No caso desse trabalho, trata-se de uma manifestação oral que teve como gênese um texto escrito. Disso se depreendem peculiaridades da oralidade e da escrita; as duas não são dicotomizadas, mas se sobrepõem, aproximam-se e ajudam-se mutuamente

A investigação capturou seus dados em situações sociais, em contexto de sala de aula, centrando-se na análise de momentos sociointerativos, considerando os participantes da pesquisa, como os interactantes das peças analisadas, a plateia e o pesquisador, vistos como sujeitos capazes que atribuem sentido à realização discursiva e/ou situação social.

Como este trabalho surgiu na expectativa de analisar o processo de oralização do texto escrito, consideraram-se foi momentos interativos do gênero textual peças teatrais, uma vez que o texto oralizado, o objeto de análise desta pesquisa, corresponde às mudanças sofridas do texto escrito.

Evidenciou-se, neste trabalho, que há mais semelhança entre a fala e a escrita do que propriamente diferença, isso é mais contundente quando se analisam a oralidade e a escrita do ponto de vista defendido por Marcuschi (2001, p.32 e 4) e Koch (1997, p.32), segundo o *continuum* tipológico; consideram-se as manifestações da língua no cotidiano das práticas sociais.

As marcas que caracterizam a reformulação do texto escrito para o falado decorrem da relação que se estabelece entre o falante e seu interlocutor no momento da interação verbal. A reformulação do texto é reveladora de toda a complexidade do seu processo de construção do texto falado, uma vez que as questões relativas ao planejamento ou grau de planejamento de um gênero não se constituem elemento ímpar para definição analítica, já que fala e escrita variam, o uso e/ou as condições de produção são elementos primordiais para essa definição.

Julgamento criterioso das interações mostrou que os alunos (informantes) recebem seus textos escritos (scripts), mas, a partir do momento que esses textos saem do escrito para o oral, recebem alterações consideráveis, isto é, quando os falantes, de posse do texto escrito, fazem alterações significativas tanto no momento dos ensaios como também na apresentação ao público (interações), e isso é comprovado nas análises feitas do *corpus* desta pesquisa, em que foi evidenciada a presença da correção, repetição, paráfrase, hesitação, dentre outros elementos, o que bem caracteriza a língua falada. Pelo que foi exposto, a análise do gênero peças teatrais indicam a possibilidade de estudos do discurso oralizado que tem como origem texto previamente escrito e depois memorizado pelos interactantes nas apresentações em ambiente escolar.

Referências

DIEDRICH, Marlete. **O texto falado da criança: estratégias de construção**. Passo Fundo- RS: Editora UPF, 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes. et aliae. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna**. -2. ed. - São Paulo, Cortez, 2000.

FÁVERO, Leonor Lopes. et alii. **A correção do texto falado: tipos, funções e marcas**. In NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática do português falado. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. v. 1.

HOFFNAGEL, J. C. **A modalização epistêmica na construção de sentido: o caso do "eu acho (que)"**. Revista Intercâmbio, vol. 6, nº 2. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 1997, p. 817-829.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação: princípios e métodos**. Tradução: Carlos Piovezani Filho. São Paulo, Parábola Editorial, 2006.

KOCH, I.G.V. et. alli. **Referenciação e discurso**. São Paulo, Contexto, 2005(a).

MARCUSCHI, L.A. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**- 1ª ed – São Paulo, Cortez, 2001.

_____. **A repetição na língua falada e sua correlação com o tópico discursivo**. Recife, UFPR, 1990, (mimeo).

_____. **A repetição na língua falada: formas e funções**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco – Departamento de Letras, 1992, (mimeo).

_____. **Análise da Conversação**, 4ª Ed - São Paulo, Ática, 2003a.

_____ & DIONISIO, Angela Paiva. **Fala e escrita**. 1. ed., Belo Horizonte, Autêntica, 2007.

_____. **Repetição**. In: JUBRAN, Clélia Cândida A. Spinardi; KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). Gramática do português falado no Brasil: construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, v.1. p. 219 – 254.

_____. **A hesitação**. In NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática do português falado. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. **Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa**. VEREDAS, Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, p.9-73, jan./dez. 2003.

URBANO, Hudinilson. **Variedades de planejamento no texto falado e no escrito**. In. PRETI, Dino. Estudos de língua falada: variações e confrontos. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, 1998.